

O povo Lomwé, sua expansão e a influência da modernização nos seus hábitos costumes

Domingos Tomo. J. S. Patrício *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-4710-2894>

Adolfo Alexandre **

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0003-1433-7966>

Atanásia Domingos Jorge ***

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0009-9387-771X>

RESUMO

A origem do povo Lomwé, os seus hábitos e costumes típicos o caracteriza como um povo único de Namúli. Este povo na Zambézia ocupa as regiões dos distritos de Gurué, Gilé, Ilé, Alto Molocué, Namarroi, Mocubela, Mulevala, Molumbo e Pebane. O Montes Namúli embora apresentar paisagens lindas na sua formação montanhosa e suas temperaturas amenas no inverno, é também uma região com muitas histórias míticas. O objectivo da pesquisa foi compreender o povo Lomwé, sua expansão e a influência da modernização nos seus hábitos e costumes tendo em conta a dinâmica dos mesmos nos dias de hoje. O estudo traz o passado deste povo, os hábitos e costumes que eram praticados na região e como se foram desenvolvendo e evoluindo com o decorrer do tempo. A pesquisa é exploratória. A metodologia usada para recolha de informações no campo foi a entrevista com questões semiestruturadas que foram feitas à pessoas idóneas que conhecem a história do povo Lomwé. Com esse estudo compreendeu-se a história do povo Lomwé, seus hábitos e costumes, os traços étnicos que o povo Lomwé tem com outros povos e a influência da modernização.

PALAVRAS-CHAVE

Povo Lomwé; Modernização; Hábitos; Costumes

The Lomwe people, their expansion and the influence of modernization on their customs and habits

ABSTRACT

The origin of the Lomwe people, their typical habits and customs characterize them as a unique people of Namuli. This people in Zambezia occupies the regions of the districts of Gurue, Gile, Ile, Alto Molocue, Namarroi, Mocubela, Mulevala, Molumbo and Pebane. Montes Namuli, although presenting beautiful landscapes in its mountain formation and its mild temperatures in winter, is also a region with many mythical stories. The objective of the research was to understand the Lomwe people, their expansion and the influence of modernization on their habits and customs, taking into account their dynamics today. The

* Docente da Universidade Licungo, Mestre em Nutrição e Biotecnologia Alimentar, Especialização em Nutrição, Moçambique, E-mail: domingostomo@gmail.com

** Docente da Universidade Católica de Moçambique- Extensão de Gurué, Mestre em Ciências Políticas, Governação e Relações Internacionais, Especialização em Geopolítica e Geo-Estratégia. Moçambique. E-mail: adolfoalexandre12@gmail.com

*** Docente da Escola Secundaria Geral De Gurué, Mestre em Psicopedagogia, Especialização em Psicologia Educacional, Moçambique. Email: atanasiajorge@gmail.com

study brings the past of this people, the habits and customs that were practiced in the region and how they developed and evolved over time. The research is exploratory. The methodology used to collect information in the field was the interview with semi-structured questions that were asked to suitable people who know the history of the Lomwe people. With this study, the history of the Lomwe people was understood, their habits and customs, the ethnic traits that the Lomwe people have with other peoples and the influence of modernization.

KEYWORDS

People Lomwe; Modernization; Habits; Customs

Alomwé, omwalamwala wa makhalelo ni merelo aya

SAVAKHANI

Ophatchuawa wa alomwé, makhalelo ni merelo aya, annoneiha okhala nloko na'tchu nimoharu na onamuli. Atchu yala, mwa elapo yozambezia, anapwanheya wa ilapo sa Wanakuruwé, Otchilé, Omólokwé, Wannamarroi, Omukubela, Wanamulevala, Omulumbo ni Opebani. Miyáko Sanamuli inamwi irimo makhalelo aphama ni orera sokhalano epheyo yaphama elukuluku ti elukuluku, eritho elapo ya watchano ikano sotikimiha. Muteko ola orino osuweliha makhalelo ni omwalamwaliha merelo a muloko wa alomwé etxenherihwaka ni merelo mashani a mahiku a olelo. Mahusero alá anupulula sakhalayi wa atchu yála ntoko: sokhovelelaya m' makhaleloni ni m' mereloni mwilaponi mwaya ni watxeryerya osuwela ni wunnuwa elukuluku ti elukuluku. Ya wupulula ela ti yotaphulela osuwanheiha sotessene iya, itaphuleliwe ni mitchaka, makoheryo wa atchu opwanelela assuwenle ikano sevelovelo sa nloko na alomwé. Yohusera ela, ennansuweliha ikano ou ithale a merelo ni makhalelo alomwé, ohiyana ni maloko makina vamoha ni mphurelo aya.

NTHONHERO

Alomwé; Mphurelo; Makhalelo; Merelo

Introdução

A origem de um povo determina a existência desse mesmo povo no local em que se encontra e os processos dinâmicos vão acontecendo na medida em que este caminha com o tempo. Como se sabe, poucos registos existem sobre a origem de muitos povos em Moçambique, não pela negligência, mas porque o processo de alfabetização desses povos levou muito tempo para que chegasse a muitas regiões de Moçambique, facto que levou a perda de muita identidade primordia desses povos.

O Monte Namúli é uma zona turística, com suas paisagens comparáveis à algumas da Europa e suas temperaturas amenas no inverno onde recebe o nome de Suíça de África. Esta região é rica em biodiversidade única que o caracteriza com sua flora e fauna. O estudo cingiu-se sobre a origem do povo Lomwé, seus hábitos e costumes que o caracteriza como um povo com identidade da região alta da Zambézia. A identidade deste povo não só se observa quando é visitada, mas também por onde eles passam marcam uma personalidade que os identifica, com princípios e saberes próprios da sua região.

1. Metodologia

A pesquisa usou o método exploratório com finalidade de compreender de forma profunda a origem do povo Lomwé, seus hábitos e costumes. Para o estudo foram selecionadas pessoas idóneas das regiões falantes da língua lomwé. No distrito de Gurué trabalhou-se com a rainha de Mucunha e seus líderes comunitários, região onde se encontra o monte Namuli para colher informações sobre a origem do povo Lomwé, seus hábitos e costumes. Para a colecta de informações no povoado de Mucunha, a entrevista foi conduzida na língua lomwé e gravada para que se pudesse explorar com profundidade os saberes culturais deste povo. E para as outras regiões como Gilé, Alto Molocué, Ilé, Namarroi, Mocubela, Molumbo, Mulevala e Pebane foi necessário encontrar pessoas também idóneas residentes em Gurué, mas que têm contactos com as suas regiões regularmente e conhecem as práticas dos hábitos e costumes das suas regiões. Também foi necessário fazer a consulta bibliográfica para sustentar a informação colhida no campo. O método escolhido favoreceu a liberdade de construir diversos conhecimentos a respeito do povo Lomwé.



2. Resultados

2.1. Descrição da zona de Mucunha

Mucunha é uma zona do interior de Gurué onde se localiza o segundo monte mais alto de Moçambique, os montes Namuli com 2419 metros de altura. De acordo com o Censo (2017), é uma zona com mais de 13000 habitantes; as crianças têm a acesso à escola até 7^a classe, não tem centro de saúde e nem rede de telefonia móvel, o que a população local e os professores que lá trabalham fazem quando querem comunicar é ir para locais da montanha onde podem captar as redes das telefonias móveis da sede Gurué para poderem comunicar com os familiares ou mesmo tratar assuntos relacionados a serviço. E quanto a via de acesso, é bem transitável no verão, com transitabilidade difícil no tempo chuvoso e a região tem umas temperaturas imprevisíveis durante todas as estações do ano.

2.2. De onde surge o nome Namuli

O nome Namuli é um nome misterioso, espiritual, nem as bibliotecas sabem de onde surge o nome, apenas eles nasceram e cresceram, os seus avós, os seus bisavós e tantas outras gerações nunca souberam explicar de como surgiu o nome Namuli.

2.3. Origem do nome Mucunha

O nome Mucunha surge quando os portugueses iam caminhando pela região encontram-se com duas pessoas daquela região e perguntaram como se chamava a região e eles não entendendo responderam: "*acunha*", que significa "brancos" em língua lomwé. E os brancos ouvindo aquilo entenderam que aquela zona era Mucunha e assim a região onde se encontra o montes Namuli passou a ser conhecido como a zona de Mucunha, ficando assim registado até os dias de hoje.

2.4. Mitos sobre o montes Namúli

No passado apontar o montes Namuli não era permitido, porque há contos que narram que só apontar o dedo podia não se dobrar mais. Até agora ainda persistem alguns mitos tais como: (i) Não se pode escalar o topo do montes Namúli sem que a rainha da zona faça *makeya (mukutxho)*; (ii) Que lá na montanha de Namúli existe um lugar com água misteriosa que serve para purificação para os que pretendem que vida lhes deia sorte e sucesso; (iii) Diz-se que antigamente encontravam-se bananas maduras quando fossem a caça no sopé da montanha, mas não se devia levar para casa. Há relatos remotos sobre a existência de gnomos (*a mwakona kirwakavi*) na região que praticavam a caça e recollecção, mas que desapareceram com o desenvolvimento social.

2.5. Pescar no Rio Lussa

O Rio Lussa é um rio que se encontra na zona da antiga unidade de produção de chá (UP1). É rio que também guarda grandes mistérios do povo Lomwé. As árvores que estão arredores do rio estão vestidas de roupas e rio está cheio de peixes, mas quem se atreve a pescar, pesca peixe fumado ou seco. Para os que vão lá passear a vezes que se pode encontrar água fervendo. Para Perreira e Faria (2016) afirmam que: Uma realidade oral reconhece a fala. Segundo Vansina (2010, p. 139), "não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais". Para preservar é necessário manter a tradição, um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. "Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas." (VANSINA, 2010, p. 139).

Informações vindas de pessoas entrevistadas dizem que antigamente o rio era usado para fazer sacrifício para pedir a chuva, melhor produção e ainda evitar desgraça para

Domingos T. J. S. Patrício, Adolfo Alexandre, Atanásia D. Jorge, O povo Lomwé, sua expansão e comunidade que lá residia e para fazer esses pedidos devia escolher-se uma virgem para ser sacrificada viva e que depois do sacrifício a virgem desaparecia. O pescar peixe fumado ou seco neste rio é o resultado deste rio ter consumido muitas vidas na sua tenra idade e que misteriosamente continuam vivas.

2.6.A origem do povo Lomwé

A origem do povo Lomwé é controversa, uns afirmam que o povo Lomwé é originário de montes Namuli, como é o caso de Martinez (1989, p.23), que afirma, "a unidade original Macua provém dos montes Namuli e a sua sociedade constitui-se por uma justaposição de unidade familiares", logo, se o macua-lomwé é uma das subdivisões do macua, pode-se considerar que o povo Lomwé é originário de montes Namuli, mas que devido a várias causas ocorridas na região obrigou algumas tribos a se expandirem para outras regiões da Zambézia, como é caso de Gilé, Ilé, Alto Molocué, Namarroi, Mugeba, Mocubela, Mulevala, Molumbo e Pebane; para as regiões da província de Nampula e Niassa e para os países vizinhos, como é o caso de Malawi e Tanzânia. Pode se acreditar que o povo Lomwé é também descendente do povo Bantu originário das florestas do Camarões e da Nigéria na qual se expandiu-se para o sul do equador de África tendo atingido todas regiões de Moçambique na qual a região dos montes Namuli faz parte.

Nem as pessoas idóneas (*os makholos*) quando perguntadas se a origem dos seus antepassados havia sido no Namuli, conseguiram responder que, o que apenas sabem, é que os avós, os bisavós contavam que, as pessoas saiam das grutas de Namuli para outras regiões. A resposta dos *makholos* pode ser entendida da seguinte maneira, que uma das tribos bantu a quando da sua expansão terá encontrado condições favoráveis na região dos montes Namuli, florestas densas da época, onde podiam caçar e fazer pequena agricultura, mas também, a existência de grutas podia-lhes proteger dos animais ferozes e quando se tornaram um grupo numeroso outros preferiram encontrar outras regiões.

2.7.A maior atração do povo para a região

Toda e qualquer população seja animal ou humana se fixa numa região se haver condições de sobrevivência e segurança para mesma. Acredita-se que a maior atracção do povo Lomwé para sua fixação na região dos Montes Namuli sejam as grutas que se encontram ao longo da cordilheira dos montes Namuli que serviram para se defender dos

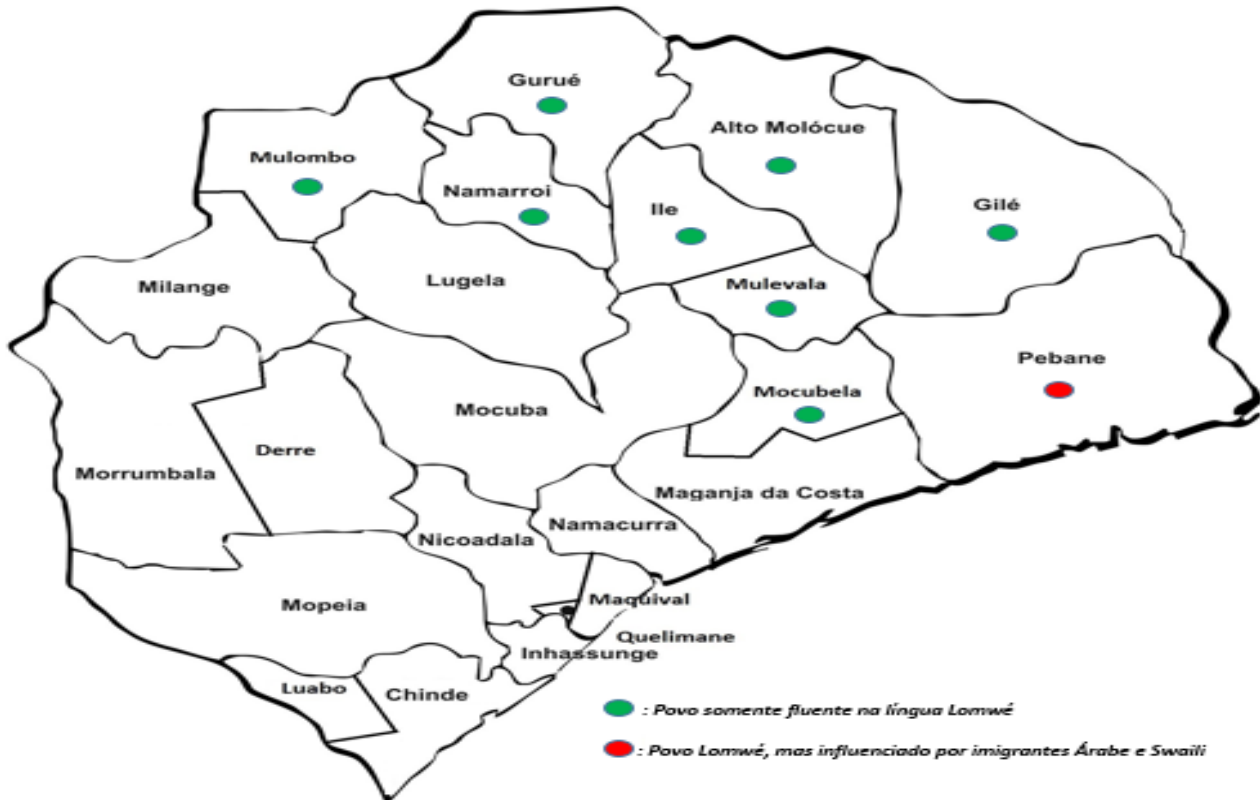
animais ferozes e das guerras que poderiam sofrer de outros grupos étnicos. A outra atração sobre a fixação do povo Lomwé nos Montes Namuli, acredita-se que a biodiversidade (a flora, a fauna e suas temperaturas amenas) ajudou este povo na prática das suas actividades como a agricultura e a caça.

Chegar ao topo de montes Namúli é algo incrível que muitos almejam, um sonho, mas nem todos conseguem chegar, mesmo os residentes muitos deles nunca chegaram lá. Ir ao topo de Namúli exige requisitos espirituais na qual quem sabe é só a rainha e o braço direito dela, isto é, um parente familiar no qual ela confia. Não se pode subir a revelia, porque não poderá lá chegar e nem voltar. Diz-se que antigamente encontravam-se bananas maduras quando fossem a caça no sopé da montanha, mas não se devia levar para casa.

De acordo com os entrevistados (*os makholos*) e na voz da rainha, esse mito não constitui verdade, não existem anões e muito menos encontrar comida preparada. O mito no qual é verdadeiro é, não se pode fazer sexo na noite anterior (*aquecer corpo*) quando se pretende escalar o topo da montanha, porque pode provocar a fúria dos espíritos e criar acidente. Para subir é preciso que os visitantes que pretendem lá chegar ofereçam oferendas à rainha, para que ela faça sacrifício (*makeya*) no sentido de pedir aos espíritos a permissão para os que querem lá visitar. Quando assim se faz, mesmo se estava nebulado quase a cair uma chuva, vê-se o céu abrir-se, as nuvens desaparecerem e logo um ambiente favorável para lá se chegar.

De acordo com o mapa 1, a seguir, o povo de Pebane embora Lomwé uma parte da sua cultura foi influenciada pelos hábitos dos povos arabe-swahili, como é o caso de uso de missangas, pulseiras e o duplicar das *capulanas* nas mulheres e uso de malaia e *cofió* nos homens. Um aspecto interessante para esta região é que as raparigas começam com os ritos de iniciação a partir dos cinco anos de idade.

Mapa 1: Regiões ocupadas pelo povo Lomwé



Fonte: Adaptado pelos autores

3. Ritos de iniciação antes e no contexto actual da miscigenação

Os ritos de iniciação no povo Lomwé tem um valor cultural relevante, pois, só se considera mulher ou homem preparado para constituir família aquele que passou por ritos de iniciação. Para CISCATO (2012), a iniciação é o rito de maturidade, dramatização da ruptura com a infância, e incorporação para idade adulta. Senão, fica-se à margem da sociedade. Simbolicamente, exprime morte à infância e ressurreição à idade adulta. Uma das suas felicidades é introduzir os jovens no domínio da sexualidade, do matrimónio, da procriação e da vida familiar.

Os ritos habilitam a uma vida adulta, pois se aprende questões da vida: como assistir doentes em todas as suas fases, como enterrar o corpo humano, como cuidar de um defunto, alguns sinais para a comunicação no lar e tantas outras coisas.

3.1. Raparigas

Tradicionalmente no povo Lomwé, antes quando a cultura estava preservada, sem influência de outras culturas, as raparigas passavam por duas fases de ritos de iniciação: A primeira, era apenas para ser aconselhada que já cresceu, que devia se comportar

Domingos T. J. S. Patrício, Adolfo Alexandre, Atanásia D. Jorge, O povo Lomwé, sua expansão e como mulher e não como uma criança. Saber lavar-se, controlar o período (menstruação), não sentar-se perto dos mais velhos (*makholos*) enquanto estiver de período menstrual entre outras regras básicas. Neste mesmo processo a rapariga era proibida a pôr sal na comida sob pretexto de provocar doença a família.

A segunda, a rapariga só era submetida aos ritos de iniciação quando tivesse um pretendente (*mulopwana*) para lhe casar. Nesta fase era ensinada como cuidar do marido, saber guardar os segredos do lar, saber cuidar dos filhos e respeitar os familiares do homem. Ainda era aconselhada que devia estar sempre pronta para atender as necessidades do marido.

Conforme (CHIZIANE, 2006), os ritos de iniciação são como o baptismo cristão. Sem baptismo todo o ser humano é pagão. Não tem direito ao céu. No sul, homem que não *lobola* (que não dá o dote) a sua mulher perde o direito à paternidade, não pode realizar o funeral da esposa nem dos filhos. Porque é um ser inferior. Porque é menos homem. Para o povo Lomwé toda a rapariga deve passar por ritos de iniciação para ser ensinada os segredos da vida. No contexto as mulheres casadas, mas que não passaram por ritos de iniciação na juventude, podem pedir as mais velhas para que adquiriam ensinamentos que não tiveram durante a juventude.



3.2. Rapazes

Os rapazes desde os tempos passados até os dias actuais são submetidos a ritos de iniciação somente uma vez. É lá onde é cortado o chapéu do pénis (prepúcio), como forma de garantir a higiene do pénis, porque se considera o homem como uma pessoa que trabalha muito, que pode perder noites, dias sem tomar banho dependendo das circunstâncias e, com o prepúcio cortado não há como o pénis exalar mau cheiro e muito menos estar sujo. Nestes ritos os rapazes aprendem a serem homens (trabalhadores e batalhadores) para cuidar da mulher e dos filhos.

Para Lima-Mesquitela et al. (1991), são funções dos ritos manter a cultura integrada e estabelecer ligações com o passado dos indivíduos envolvidos, para que eles possam reviver determinadas experiências já vividas por seus antepassados. Sem a repetição das experiências, muitos significados podem ser esquecidos no decorrer do tempo. Portanto, com a dinâmica cultural, os ritos de iniciação tanto para raparigas como para os rapazes são feitas uma vez. Muitos jovens (rapazes) actualmente não são iniciados, mas apenas circuncidados nos hospitais. Por isso que os *makholos* alegam o desaparecimento lento dos hábitos. De acordo com Ciscato (2012), a globalização

apresenta-se como prometedora e inquietante. A superação de barreiras espaço-temporais torna possível uma comunidade internacional mais relacionada, mas pode provocar também a perda das próprias raízes locais.

3.3. Tempo que poderiam ficar sem casar depois dos ritos de iniciação

Para a tradição Lomwé, os ritos de iniciação simbolizam crescimento, que a rapariga está preparada para conhecer homem e o homem está preparado para assumir uma responsabilidade maior e até a de casamento. Segundo os entrevistados não existem evidências de quanto tempo uma rapariga ou rapaz deviam ficar sem casar, pois, tanto para as raparigas como os rapazes, algumas iam aos ritos e até agora vão conhecendo o homem ou a rapariga com quem irá se casar.

Após os ritos de iniciação são poucos rapazes e raparigas que ficam muito tempo sem casar, porque se considera que já está crescido ou crescida para constituir um lar. Tendo em conta que a primeira menstruação para as raparigas é entre doze a treze anos de idade e a primeira ejaculação entre treze a catorze anos, considera-se que os casamentos no povo Lomwé sejam prematuros, uma vez que, após os ritos de iniciação tanto para a rapariga como para o rapaz não podem ficar muito tempo sem casar.

Para o povo Lomwé, é fácil ser avó na faixa etária dos trinta e cinco anos e bisavó na faixa etária dos cinquenta anos. A lei de controlo de casamentos prematuros é relevante nas vilas e cidades, enquanto nas zonas recônditas continua a ser um assunto normal os casamentos antes da idade por lei. Os pais são os que obrigam as raparigas e os rapazes a se casarem, porque uns precisam de ter uma nora e os outros precisam de ter um genro.

É uma vergonha para os pais, sobre tudo, os naturais de Namuli (os Lomwé), ver outras raparigas e rapazes da sua geração casados e os filhos não casados, levanta vários questionamentos se é que o rapaz apanha erecção (se é sexualmente potente) e se a mulher nasce. Para que os pais não passem por isso, os filhos devem casarem-se pouco tempo depois dos ritos de iniciação e aí recai o grande valor dos pais de terem filhos e filhas, casados e casadas.

Este facto está ligado a pobreza dos pais que não conseguem cobrir as necessidades dos filhos especialmente as meninas que, precisando de capulanas, penso e outros bens, por vergonha, não podem pedir aos seus pais. Isto torna a rapariga vulnerável ao casamento como solução dos seus problemas que os pais não conseguem satisfazer. Na cultura Lomwé não são as mulheres que procuram o homem mesmo

Domingos T. J. S. Patrício, Adolfo Alexandre, Atanásia D. Jorge, O povo Lomwé, sua expansão e querendo, se mantém calada até que apareça o homem para casar. A pobreza vulnerabiliza as raparigas.

3.4.Fixação de residência após o casamento

Para o povo Lomwé tal como outros povos do norte de Moçambique, as famílias são matrilineares, isto é, neste sistema o poder sobre a família pertence ao irmão da mãe, portanto, o tio. O homem é como um “galo emprestado”. O homem nessas famílias o que tem a fazer é construir uma casa, fazer negócio ou procurar um pequeno emprego para comprar sabão, sal, açúcar, roupa para as crianças, capulanas, blusas e lenço para mulher entre outras necessidades. O homem tem o grave dever de sustentar a mulher e as crianças, pois, quem quer casar deve confiar-se. Caso não sustente a família perde o seu valor como líder da casa. Como consequência disso são as brigas se estendem até ao leito (separação de camas).

O motivo sustentável da fixação de residência nos sogros é de que os filhos pertencem a mulher, pertencem a família da mulher, daí, o poder do tio materno sobre os sobrinhos. No sistema matrilinear não existe *lobolo* (dote). Contrariamente ao sistema patrilinear em que os filhos pertencem ao homem, o poder esta no tio paterno e o homem pode tirar a mulher da casa dos seus pais pelo *lobolo* (dote). Segundo CISCATO (2012), o sistema matrilinear; os campos, os celeiros e o trabalho agrícola são a base da vida do grupo, e são domínios da actividade feminina. Portanto, quando o homem casa, na cultura Lomwé é lhe dado um espaço na casa dos seus sogros para construir a sua casa, porque considera-se que um dia se ele pretender casar outra mulher a sua filha não irá perder a casa, apenas ele poderá ir deixando a sua filha segura e os filhos gerados no casamento.

3.5.Resolução de conflitos no lar: Solução para o casal com problemas de nascer

No povo Lomwé o casamento é para procriar, ter filhos, ser chamado papá, mamã com os seus próprios filhos. O casamento nas regiões de Namuli não é para somente a mulher ter marido e o homem ter esposa não, é para ter filhos. Para CISCATO (2012), a finalidade do casamento é a procriação: a vida recebida, partilhada e transmitida. O aspecto "pai" e "mãe" prevalece sobre o aspecto "esposo" e "esposa". Os dois ficam realmente casados só no dia em que tiverem o primeiro filho. Casamento sem procriação, é um casamento incompleto.

Na tradição deste povo, os casamentos onde os casais têm problemas de ter filhos não duram. Mas há um aspecto muito importante desde povo, depois de um tempo de

casamento e observar-se que o casal não consegue se engravidar os mais velhos (os *makholos*) os mais próximos do casal aproximam para tentar perceber o que está acontecer, porque segundo o povo Lomwé, um lar sem filhos é um lar infeliz e os filhos são a solução para um lar feliz.

De acordo (MARTINEZ,1989), a esterilidade é algo sempre considerado, na sociedade macua, como uma desgraça, um castigo, ou maldição, consequência directa da transgressão de alguma lei, de um mau comportamento de acção, de alguém que nos deseja mal. O povo despreza o homem e a mulher estéreis porque “suspendem a vida” estéreis opõem – se, à transmissão da vida. Com homens e mulheres assim quebra-se a ligação que nos une aos medianeiros da vida, interrompendo-se a corrente vital. Por isso o povo macua mantém uma atitude de desprezo ativo para com os estéreis e os que não casam. E para Rocha (2006),o casamento, na sociedade, não é, de forma nenhuma, o assunto particular, que interessa só aos dois que vão casar, o casamento significa a entrada de um novo membro na família, um aumento numérico e qualitativo, garantia segura do fortalecimento da linhagem.

Para o povo Lomwé muitos problemas de não ter filhos no casamento não são muito relacionados com a mulher, mas sim, o homem que depois de casar antes que passem dias deve passar por um tratamento tradicional no qual é feito com tripas e testículos de um galo para que homem seja potente e viril. E para a mulher apenas é dada um banho tradicional para evitar cólicas graves (*makhurumela*) que também pode ser causa da infertilidade feminina e que também evite a ter marido da noite que a possa inviabilizar de engravidar.

4. Complicações durante o parto

De acordo com MARTINEZ (2009), o nascimento de uma criança e um dos acontecimentos mais importantes na sociedade macua. A criança é desejada e esperada pelos pais, responsáveis e membros da família, finalmente, por todos os membros da sociedade, porque todos amam a vida e desejam que esta continue (p.79). No povo Lomwé, embora se reconheça que a vida tem o seu início na concepção, o parto (início da vida) tal como a morte (fim da vida) considera-se como o mistério mais sagrado revestido de mitos, pois, dele gera-se uma vida.

A conservação da cultura evita problemas da modernidade. No povo Lomwé as mulheres durante os ritos de iniciação são ensinadas como evitar que um parto seja demorado e até mesmo evitar que sofra cesariana. Uma das estratégias segundo ditam

os relatos das modelos (*as mais velhas*) é que a mulher após estar grávida não pode ter relações sexuais com outros homens, e caso ela faça e não diga no dia de parto pode ser complicado e até ir a cesariana, porque este povo acredita que a mistura de sangue de outros homens durante a gravidez não é bom para a saúde da mãe.

Uma outra estratégia, para que o parto seja rápido e seguro, a mulher, dias próximos ao parto deve ter um medicamento já preparado e guardado para que quando começar a sentir as dores de parto possa tomar para facilitar a expulsar o bebê sem complicações na sala de parto. Este é um costume praticado até os dias de hoje não só pelo povo Lomwé, alguns vientes que residem nessas regiões, mas que têm amizades com o povo nativo também realizam está prática. Não só a mulher deve evitar a andar com muitos homens, também o homem deve evitar andar com muitas mulheres, porque segundo a tradição do povo Lomwé homem também tem influência sobre a criança que irá nascer.

4.1.Regras a serem cumpridas pós-parto para mulher e o homem

A cultura de um povo parece ser estranha para outro povo e até pode-se perguntar, porquê fazem aquilo? Porquê aquele povo tem aqueles hábitos e costumes? A resposta é simples, cada povo é um povo, com hábitos e costumes diferentes, que segue princípios de seus antepassados. A noção de cultura, ao contrário da de sociedade, é estritamente humana, ou mais, apesar de nossas semelhanças com os demais animais, também existem diferenças relevantes e a cultura está entre elas (LAPLANTINE, 2000). Para o povo Lomwé também tem regras que a mulher e o homem devem seguir logo após o período de parto as quais podem-se citar: (i) A mulher não pode cozinhar e muito menos pôr sal num período de uma semana, para se purificar e ganhar forças;(ii) Não pode comer com as mãos, deve usar uma colher e se não tiver colher deve usar uma folha de árvore; (iii) A criança recém-nascida não pode ser carregada com qualquer um, porque não se sabe o que fez durante a noite e pode criar problemas para criança; (iv) O homem não pode ter qualquer relação sexual fora e voltar a casa pegar a criança, a criança pode ficar doente ou mesmo morrer se isso acontecer e não for tratada. Segundo Martinez (1989), as pessoas solteiras não podem pegar na criança até ao referido dia da cicatrização do umbigo.

4.2. Mitos sobre alimentação nas cerimónias fúnebres

Nas cerimónias fúnebres do povo Lomwé não se pode matar e comer qualquer animal com sangue durante ou após os ritos fúnebres, porque pode provocar doença (tuberculose não tratável no hospital), na família do defunto. O que se serve nesses momentos é *xima* com molho de feijões e caril de verdura de abóbora ou mandioca água e sal, tubérculos como a mandioca, a batata-doce, o inhame ou mesmo frutas se for o tempo. É necessário que depois das cerimónias os familiares procurem um curandeiro que possa lhes dar um medicamento de modo a poder permitir matar e consumir animais com sangue.

Um facto interessante é, em algumas regiões de Gurué, Namorroi e Gilé quando há falecimento numa das famílias da comunidade a família do defunto não prepara refeição para as pessoas que vem para ajudar e participar das cerimónias fúnebres, as pessoas da comunidade quando vem para a casa da família do defunto trazem consigo uma marmitta que é guardada para ajudar aqueles que dão banho o defunto, os que preparam a cova e os que vêm de longe para participar o funeral. Após o enterro quando as pessoas regressam do cemitério para casa às marmittas fechadas são distribuídas de forma aleatória para as pessoas, isto é, ninguém sabe o que vai comer, alguém pode por exemplo, calhar com uma marmitta de batata-doce, o outro calhar com uma marmitta de *xima* com caril de verdura de mandioca, cada um come o que encontrar na marmitta que foi dado.

4.3. Danças do povo Lomwé

São muitas e variadas danças do povo Lomwé, algumas foram e outras são executadas até aos nossos dias nos distritos de Gurué, Ilé, Gilé, Alto Molocué, Mocubela, Mulumbo, Mulevala, Namorroi e Pebane. A tabela abaixo mostra os tipos de danças de cada distrito e após a tabela são caracterizadas algumas.

Quadro 1: Tipos de danças

Tipos de danças	Distrito
<i>Niquetxe, Sopa*</i>	Gilé
<i>Niquetxe, Muchacha*, Nahequere*, Nakula*, Erepwethe***, Maconha***.</i>	Gurué
<i>Tufo, Pumpu, Mussopé*, Zequethe**, Rewa**</i>	Pebane
<i>Niquetxe, Muchacha*, Nahequere*, Nakula*, Erepwethe***, Maconha***.</i>	Mulumbo

<i>Tufo, Pumpu, Mussopé*, Zequethe**, Rewa**</i>	Mocubela
<i>Niketxe, Sopa*, Nakula, Niwero, Mirudu, Epuethe, Evaku, Ntarato</i>	Mulevala
<i>Niketxe, Erepwete</i> <i>Wina ni enowa, Kamuromole (Makonha), Ekankara, Muira, Etuatua*, Kothione*</i>	Namarroi
<i>Niketxe, N'tarato*, Mirussi</i> <i>Naamlesso, Kamlee, Etxire,</i> <i>Elata</i>	Alto Molocué
<i>Niketxe, Sopa*, Nakula, Niwero, Mirudu, Epuethe, Evaku, Ntarato</i>	Ilé

Fonte: Dados da pesquisa

* Danças já extintas

** Danças para expulsar espíritos

*** Danças em vias de extinção

a) Niketxe: De acordo com os entrevistados a dança tem origem no distrito do Gilé e expandiu-se para outros distritos no período colonial devido ao movimento dos trabalhadores. A mímica e o teatro são características desta dança. Antigamente os dançarinos usavam saias de palha ou pele de animal, actualmente os dançarinos usam roupas rasgadas para simbolizar a palha e latas atadas às pernas, que produzem um som característico enquanto se dança.

Para Gurué (2013), *Niketxe* é uma dança tradicional e originária das etnias lómwé e macua, mais precisamente na região norte da Zambézia e nas províncias de Nampula e Niassa. É uma manifestação cultural praticada por uma grande maioria da população da Alta Zambézia. Surge como um ritual ligado às cerimónias fúnebres. Caracterizada pela mímica e a teatralidade e o uso da máscara, a sua denominação deriva do som (*ketxe, ketxe, ketxe*) produzido pelos chocalhos que os dançarinos usam nas pernas durante a sua actuação. A dança no passado era para ocasiões de falecimento, quando defunto fizesse seis meses após o enterro. Hoje em dia, o *Niketxe* é dançado por todas idades em festas e datas comemorativas.

b)Wina ni enowa: *Wina ni enowa* ou dança das cobras, se caracteriza por um conjunto de homens e mulheres que realizam movimentos em forma de dança com cobras no pescoço e nas mãos. Antes da dança existe um ritual a ser seguido pelos dançarinos, obedecendo regras tais como: absterem-se do sexo uma semana antes e durante o evento, a alimentação das cobras escolhidas na mata é ovo e farinha e as

cobras escolhidas deve ser mambas finas e verdes daquelas muito venenosas. Depois de verificados estes aspectos preliminares, as cobras ficam hipnotizadas permitindo desse modo, aos dançarinos de poderem dançar com elas demonstrando os mais variados movimentos.

c)Pumpu: é dança de divertimento (baile) que teve o seu período de actuação entre 1982 a 1995, cujos instrumentos usados são batuques, timbila e latas. Na cidade de Quelimane e Nampula a dança foi conhecida como *kwatxala*, segundo o entrevistado senhor Suleimane.

d)Mussope: é uma dança de salto da corda, típica das mulheres de Pebane cujos instrumentos tocados pelos homens são os batuques enquanto as mulheres cantam e saltam a corda.

e)Zequethe e Rewa: são danças promovidas por recomendação de médicos tradicionais (os curandeiros) para pessoas que sofrem de doenças de maus espíritos (*matxantxane*), estas danças servem para expulsar esses maus espíritos.

A diferença existente entre Zequethe e Rewa é: Zequethe o tratamento é de dois a três dias, enquanto, Rewa varia entre três a uma semana de dança para o tratamento.

De acordo com o senhor Suleimane, natural de Pebane e residente na cidade de Gurué, Rewa é a doença que tem espíritos maus muito fortes do que Zequethe, razão pela qual, a dança pode durar até uma semana.

f)Kothione: trata-se de uma dança acompanhada ao som de um instrumento musical denominado acordeão. Era a dança especial de Namarroi em que os mestres ficavam no meio fazendo a mistura do som e os dançarinos (homem e mulher) ao redor deles formando uma roda. Era uma dança de divertimento que era organizado por zonas e quando se ia apenas voltava-se dia seguinte pela madrugada. Segundo o entrevistado, senhor Paulo, sente saudades dos tempos de *kothione*, para ele os jovens se divertiam verdadeiramente sem álcool e sem drogas, mas com danças e estórias.

Quadro 2: Lista de alguns produtos do povo Lomwé

Nome vulgar (Lomwé)	Nome oficial em português	Nome científico
Txakwa ou Mathiaco	Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>
Nakuo ou Tximanga	Milho	<i>Zea mays</i>
N'vuka ^{1*}	Arroz	<i>Oriza sativa</i>
Mahiri	Mapira castanha	<i>Sorghum bicolor</i>
Meele	Mapira branca	<i>Sorghum sp.</i>
Mahele	Mexoeira	<i>Pennisetum glaucum</i>
Namuhakwa	Gergelim	<i>Sesamum indicum</i>
Kholowa	Batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i>
Niwuryo	Melancia	<i>Citrullus lanatus</i>
Makutxi tradicional ^{2*}	Inhame	<i>Colocasia esculenta</i>
Mussoma	Rizoma	<i>Dioscorea sp.</i>
Mussena(<i>espécie moderna</i>)	Inhame (Taro)	<i>Colocasia esculenta</i>
Mikwi	Beringela selvagem	<i>Solanum torvum</i>
Iphwani	Beringela selvagem	<i>Solanum sp.</i>
Muso	Beringela selvagem	<i>Solanum sp.</i>
Txipampa	Feijão manteiga	<i>Phaseolus vulgaris</i>
Epwiri	Feijão bóer	<i>Cajanus cajan</i>
Mpakura	Feijão jogo	<i>Vigna subterranea</i>
Ekhutxe, Navaka, Ntxhapela	Feijão nhemba	<i>Vigna unguiculata</i>
Nathuva, Mutxeesa	Amendoim	<i>Arachis hypogaea</i>

Fonte: Dados da pesquisa

1* Poucas regiões do povo Lomwé produzem a cultura

2* - Em vias de extinção

De acordo com o quadro, os produtos que se produzem em quase todas as regiões do povo Lomwé são: *txakwa*, *Nakuo*, *ebhuir*, *nathuva*. *Nvuka* é produzido em poucas quantidades, a população dessas regiões aproveita as pequenas baixas existentes próximos dos rios para o cultivo da cultura.

O *mikwi* é uma beringela selvagem, embora muito amarga ela é muito apreciada pela população residente na região de Mucunha, região onde encontra o montes Namuli. O *makuthi* tradicional a qual a população de Namuli produzia em grandes quantidades

Domingos T. J. S. Patrício, Adolfo Alexandre, Atanásia D. Jorge, O povo Lomwé, sua expansão e agora está em vias de extinção e foi substituído pelo novo tipo de *makuthi* (*mussena*), uma nova espécie de inhame.

Imagens 1: alguns produtos típicos



Mussoma



Mahele



Mikwi

Fonte: Adaptado autor, 2021

Quadro 3: Lista de alguns animais, insectos e aves comestíveis

Nome vulgar (Lomwé)	Nome oficial em português	Nome científico
Animais		
Namarokolo	Coelho	<i>Sylvilagus sp.</i>
Ekule	Javali	<i>Sus scrofa</i>
Naahe	Gazela	<i>Gazella sp.</i>
Epalavi	Búfalo	<i>Bubalus sp.</i>
Etetxi, Etxhetxi,	Ratazana	<i>Rattus norvegicus</i>
Mutxoro, Emetxe	Rato selvagem	<i>Microtus arvalis</i>
Mwampini, Rethee	Esquilo	<i>Atlantoxerus getulus</i>

Aves		
Ekhaka	Galinha-do-mato	<i>Numida meleagris</i>
Napiri, Yurwe	Cotorniz	<i>Coturnix coturnix</i>
Ncia	Rola	<i>Streptopelia sp.</i>
Ekwali	Perdiz	<i>Alectoris rufa</i>
Insectos		
Mícci	Aleluias (cumpis)	<i>Nasutitermes sp.</i>
Ikarara	Lagarta africana	<i>Imbrasia belina</i>
Mpepe	Térmitas	<i>Cryptotermes brevis</i>
Maathe	Cumpis	<i>Syntermes sp.</i>
Inhamo	Saúva	<i>Atta cephalotes</i>

Fonte: Dados da pesquisa

A maior parte das regiões do povo Lomwé localiza-se na zona alta, norte da Zambézia, a existência de rios correntes faz com que a pesca seja quase inexistente. Assim sendo, o que a população dessas regiões prepara como caril para acompanhar a sua *xima* são as verduras que podem ser preparados a partir de folhas de quiabo com o próprio quiabo, folhas de abóbora e outras folhas de arbustos de ornamentação comestíveis em forma de punho (caril a partir das folhas e flores do arbusto (*Buxus sempervirens*), catxopue (verdura de batata doce). Outros caris são preparados a partir das leguminosas epwiri (*Cajanus cajan*), txipampa (*Phaseolus vulgaris*) e navaka (*Vigna unguiculata*). A xima preferida dessas regiões é a *xima* de farinha de mandioca (tatarua).

De todas as regiões do povo Lomwé, a única região privilegiada em recursos pesqueiros é o distrito de Pebane, que se localiza no litoral do oceano Índico, onde o pescado marinho é abundante. Quase 90% da população desta zona desconhece o consumo de verduras, pois, há grandes quantidades de peixes de várias espécies.

Para as outras regiões o peixe que se consome é seco trazido para estas regiões, o que faz com que o *mutxoro*, *micci*, *mpepe*, *ikarara* sejam caris predilectos, *rethee* e *etxedji* sejam caris especiais quando conseguidos caçar. Um facto muito importante é que os pêlos da cauda do *rethee* (*Atlantoxerus getulus*) em Pebane são usados como medicamento para tratamento de queimaduras.

Imagem 2: Alguns animais e insectos comestíveis



Rethee



Mícci



Ikarara



Etxedji

Fonte: Adaptado autor, 2021

Quadro 4: Algum tipo de peixe do povo Lomwé

Nome vulgar (Lomwé)	Nome oficial em português	Nome científico
Mukopo	Peixe-gato	<i>Clarias macrocephalus</i>
Makarupa	Tilápia	<i>Oreochromis mossambicus</i>
Namalata	_____	_____
Missosso	Camarão de água doce	<i>Macrobrachium acanthurus</i>
Nakatxe	_____	_____
Namanhocole	_____	_____

Fonte: Dados da pesquisa

4.4. Algumas comidas do povo Lomwé

A comida que se consome pelo povo Lomwé na maioria das regiões é: *tatarua* (*xima* de mandioca), *exima* (*xima* de farinha de milho), *nvuka* (arroz) que podem ser acompanhadas com diversos caris. A *nantura* e *exima* os caris podem ser: caril de *ntikua* (folhas de mandioca), *minuku* (folhas de abóbora), *catxopwe* (folhas de batata doce), punho (folhas de quiabo misturado com o quiabo), *enhewé* (folhas de amaranto),

Domingos T. J. S. Patrício, Adolfo Alexandre, Atanásia D. Jorge, O povo Lomwé, sua expansão e *etxipampa* (caril de feijão). O *nvuka* (arroz) pode ser acompanhado com *etxipampa* (feijão) e *emethee* (carne) de diversos tipos.

a)Noxaka (Gilé): Como qualquer povo, o povo Lomwé também tem critérios para temperar o amor e neste caso para o povo Lomwé a mulher é quem mais deve temperar o amor com os seus afazeres. *Noxaka* é uma comida especial na qual a mulher devia preparar para o seu marido pela madrugada depois de um momento de amor. Esta comida a mulher durante o jantar deve guardar um pouco de caril (pedaços de carne) para que prepare uma *xima* para que ambos reponham as energias depois do momento amoroso. A comida é preparada pela mulher sem roupa (nua) para que esta tenha um sabor agradável como rege a lenda sobre o segredo da *noxaka*. Esta comida é preparada entre às uma e duas horas e meia de madrugada para que as crianças não ouçam.

Na ausência de preparar a comida, a mulher deve providenciar uma bilha onde sempre deve conservar a uma bebida tradicional vulgo *mahewé* e alguns bolos tradicionais (*essanana*) para que o homem sempre renove as energias. Para todas as raparigas que passam pelos ritos de iniciação são ensinadas a fazer *noxaka* para agradar o homem depois de momentos de amor. Este ritual e outros são os que marcam a diferença entre as raparigas que passam e as que não passam pelos ritos de iniciação, e os homens quando casam conseguem perceber por causa disso se a mulher passou ou não nos ritos de iniciação.

Noxaka é o principal segredo da felicidade nos casamentos do povo Lomwé. Por isso o homem pode acordar muito cedo para machamba e trabalhar horas e horas sem se cansar apenas fumando o seu tabaco e bebendo água. No Distrito de Gurué, da-se este nome (*noxaka*) a comida preparada na madrugada para quem viaja comer ou levar como viático.

b)Bebidas do povo lomwé: Oteka: é cerveja tradicional do povo Lomwé que pode ser fabricada a partir de mapira, machoeira ou *marupi*. Enquanto a *oteka* feita a partir da mapira ou mexoeira pode se tomar com qualquer um, a *oteka de marupi* é a bebida especial que nos dias de festas é feita apenas um pouco só para os mais velhos e os respeitados da festa. Segundo os nossos entrevistados, a *oteka* não usa açúcar para ser adoçado, usa o *miropo* (mapira germinada) que é secada e depois pilada e transformada em pó e é usado como açúcar para adoçar a *oteka*.

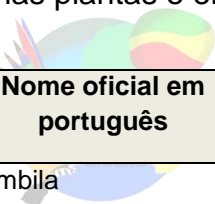
c)Kabamga: é bebida feita a partir de farelo de milho. É uma bebida muito consumida nos dias de hoje por velhos e jovens, não só pelo povo Lomwé, mas também por outros povos da zona costeira, os chuabos, senas e outros.

d)Katxasso: é uma bebida feita a partir da cana-de-açúcar, laranja, caju ou manga. É consumido também por diversos povos como a *kabamga*.

e)Mahewé: é uma bebida doce feita a partir de farinha de milho ou arroz que nos dias de festa é para as crianças e nos dias normais é uma bebida relaxante para crianças e adultos. O *mahewé* é conservado em bilha (pote de barro) para mantê-lo fresco e suave.

f)Sura: é uma bebida extraída a partir do coqueiro e consumida em Pebane e incluindo toda zona costeira da província da Zambézia.

Quadro 5: Algumas plantas e ervas medicinais



Nome vulgar (Lomwé)	Nome oficial em português	Nome científico
Mpila	Umbila	<i>Pterocarpus angolensis</i>
Mulala	Mulala	<i>Euclea natalensis</i>
Nikokopiho	Bananeira selvagem	<i>Ensete sp.</i>
Madjaia	Árvore do amendoim	<i>Treculia africana</i>
Tutuli	_____	<i>Bidens pilosa</i>

Fonte: Dados da pesquisa

g)Mulala: A *mulala* é uma raiz usada para escovar os dentes, evitar o mau hálito e tratar dores de dente. É usada com maior frequência no distrito de Pebane. A raiz é fervida e o seu vapor quando inalado serve para tratar as inflamações da garganta. A prática de higienizar os dentes com a raiz da *Euclea natalensis* A.D.C (*mulala*) consiste em retirar a casca e mastigar o interior até ficar desfeito, esfregando em seguida nos dentes e gengiva. Este processo deixa a boca e os dentes com uma coloração alaranjada que é temporária, desaparecendo em poucas horas (STANDER, 1991). Também pode-se usar a raiz com a casca (KHAN, 2000). Em casos dores de dentes também podem ser

Domingos T. J. S. Patrício, Adolfo Alexandre, Atanásia D. Jorge, O povo Lomwé, sua expansão e utilizadas as cascas (KHAN, 1991) ou então as raízes queimadas e pulverizadas (LONG, 2005b).

A conservação das raízes de *Euclea natalensis* é bastante simples e fácil, podem se guardar as raízes em água ou em refrigeração (NEVES, 2010). Algumas regiões do povo Lomwé a população guarda as raízes na forma seca e amolecidas 30 ou 40 minutos quando se quer usar. Tradicionalmente a *mulala* é também usada para defesa contra ladrões nas casas.

h)Mpila (Umbila): A seiva é o que mais chama atenção na *umbila*. Com cor marrom-avermelhada, é usada como corante, na produção de cosméticos e apresenta características medicinais — muitos nativos a espalham sobre feridas para estancar sangramentos. Também é usada para tratar micoses, problemas oculares, dores estomacais e até malária (KABUBU & FADERLAND, 2019). A árvore de *Mpila* para o povo Lomwé muitos que usam a planta são curandeiros para vários tratamentos, mas para os não comunicadores com os espíritos (pessoas comuns) usam a seiva de *Mpila* para prevenir hérnia quando um homem cruza sexualmente com uma mulher no período menstrual e a ainda para o desmame da criança, a mãe coloca a seiva nos mamilos parecendo-se com sangue e fazendo com que a criança negue a mama.

h)Nikokopiho (Bananeira selvagem): É uma espécie de bananeira selvagem cujas bananas são pouco desenvolvidas, isto é, atrofiadas. O caule é bem desenvolvido, com uma grande quantidade de seiva. É uma planta que se pode encontrar em algumas regiões de Gurué. Algumas famílias usam a seiva do caule para dar banho a criança recém-nascida na perspectiva de ganhar corpo. Um segredo importante é que esse banho da criança é feito somente do pescoço aos pés e somente uma vez no primeiro mês de vida. As raízes juntamente com a seiva são usadas para tratar dores de barriga e dores menstruais.

Os mais conhecedores da medicina tradicional usam as suas raízes, a seiva em conjunto com outras plantas para fazer um medicamento afrodisíaco para os homens. As bananas são comidas lá no mato e não são levadas para casa, é um mito que vem dos antepassados e ninguém sabe explicar, mas acredita-se que levar as bananas para casa pode causar alguma desgraça na família.

i) Madjaia (Árvore do amendoim): A árvore de Madjaia é conhecida como árvore do cemitério, por se encontrar em quase todos os cemitérios, mas na verdade também pode ser encontrar em outros lugares. É uma árvore frondosa, que dá seus frutos semelhantes a fruta de pão. O fruto quando maduro a população colhe e retira as sementes, que de seguida são lavadas, secadas, torradas e consumidas em forma de amendoim.

j) Tutuli: É uma erva daninha selvagem que se encontra no mato ou nas machambas e por vezes é possível encontrar nos quintais. É uma erva que quando tenra as mães colhem as suas pontas e depois cozinham como se fosse verdura para servir de caril. A sua semente é usada para tratar a inflamação da fontanela (*espaço macio e membranoso que separa os ossos do crânio dos recém-nascidos*). Alguns homens usam as suas folhas para evitar que sejam engarrafados por suas amantes, porque é costume de certas mulheres drogarem os homens para que possam ficar somente com elas. Segundo alguns entrevistados, as folhas são consideradas inibidoras de engarrafamento por drogas.



Conclusão

De acordo com o estudo feito sobre o povo Lomwé em relação a sua origem e seus traços culturais referentes a seus hábitos e costumes a pesquisa concluiu que: No povo Lomwé quando o homem casa é como fosse um galo emprestado, porque lhe é dado um espaço para construir a sua residência no terreno dos sogros não exercendo o total poder de homem sobre a esposa. Não se pode escalar para o topo de Namuli sem que a rainha evoque os espíritos dos antepassados como forma de pedir permissão que preparem o ambiente para lá se chegar. O distrito de Pebane embora seja constituído maioritariamente pelo povo etnolinguístico Lomwé, este não se identifica unicamente como povo Lomwé, mas também, emakwa, com maior influência estrangeira árabe – swahili. Alguns hábitos que eram praticados pelas mulheres como é o caso de "*noxaka*" para acalentar o amor estão sendo abandonados por conta da modernização e miscigenação.

A pobreza material dos pais torna a rapariga vulnerável ao casamento como forma de ultrapassar as necessidades que os pais não conseguem satisfazer. A expressão "*abrir visão*", está a contribuir negativamente para a cultura do povo Lomwé, isto porque, os traços de identidade da cultura local estão sendo abandonados em substituição dos

Domingos T. J. S. Patrício, Adolfo Alexandre, Atanásia D. Jorge, O povo Lomwé, sua expansão e hábitos e costumes modernos. O ovo, amendoim, óleo e mutxoro eram alimentos que para o povo Lomwé não deviam ser consumidos pelos rapazes por provocar dores de coluna, dente, cabeça e ainda influenciar negativamente na capacidade sexual. O povo Lomwé é um povo mítico, que para além dos mitos de Namúli que tem as suas águas da sorte, existem outros locais míticos como é o caso do rio Lussa.

O estudo recomenda que os governos locais façam o levantamento dos locais míticos e históricos existentes em cada uma das regiões do povo Lomwé por forma a se adoptar estratégias de conservação desses locais bem como a história deste povo. Que a zona de Mucunha, região onde se localiza os montes Namúli, se preserve as marcas históricas (pegadas de homens e animais) sob o risco de a população destruir com o decorrer do tempo, porque esta é uma prova que mostra antes deste povo já houve outro povo de identidade até aqui desconhecida. Que as casas de culturas distritais promovam campanhas de sensibilização sobre valor da cultura local. Recomenda-se ainda que a direcção provincial de cultura crie um projecto de levantamento das culturas locais em nível de todos os povos da Zambézia por forma a garantir a conservação documentada das culturas do povo zambeziano.



Referências

- CISCATO, E. **Introdução à cultura da área makuwa-Lomwé**. Porto, s.e. 2012.
- CHIZIANE, P. **Niketche**. 4.ed. Maputo: Ndjira, 2006.
- GURUÉ: (2013). **Festival de Dança Niketxe contra brutalidade colonial**. Disponível em [www.zambeze.info https://www.visitzambezia.com/zambe-zia/tradico-es-e-religio-es.html](https://www.visitzambezia.com/zambe-zia/tradico-es-e-religio-es.html)
- KHAN, M. N. & NKUNYA, M. H. H. **Antimicrobial activity of Tanzanian tradicional medicinal plants**, In: MSHIGENI, K. E. et al., (Eds)., *Proceedings of an Internacional Conference of Experts from Developing Countries on Tradicional Medicinal Plants*, Arusha, Tanzania.
- INE. Instituto Nacional de Estatística.(2017). **Recenseamento geral da população**. Maputo: INE.
- LAPLANTINE, F.(2000). **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense.
- KABUBU,J. & FADERLAND, A. S. **Conheça umbila, a árvore que parece sangrar**. 2019. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/ciencia/110926-conheca-a-umbila-a-arvore-que-parece-sangrar.htm> Acesso em:11 fev 2023.
- KHAN, M. N. et al. (2000). Antimicrobial activity of Tanzania chewing sticks against oral pathogenic microbes. **Pharmaceutical Biology**, v.38, n.3, p. 235-40.

LONG, C. Swaziland's Flora - siSwati names and uses; Usage category: meridional (online), Swaziland Nacional Trust Commission [10/5/2007b], Disponível em: <http://www.sntc.org.sz/flora/clusagelist.asp?uid=2&pg=>, 2005b. Acesso em: 15out.2021.

MARTINEZ, F. L.(2009). **O povo macua e a sua cultura**.3.ed. Maputo: Paulinas Editora.

MARTINEZ, F. L.(1989). **O povo macua e a sua cultura**. Lisboa: Sd. I.S.B.N.

MINISTRY OF HEALTH.(1991). United Republic of Tanzania (Dar es Salaam University Press), Dar es Salaam. p.18-23.

NEVES, C. de S. (2010). **Avaliação da Atividade Antimicrobiana e Toxicidade Aguda do Extrato Bruto das Raízes de Euclea natalensis A.D.C (Mulala)**. 66f.Dissertação.Departamento de Ciências Farmacêuticas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PEREIRA, C.C.M.; FARIAS, M.G. G. (2016). Análise de mitos africanos em uma comunidade quilombola: comunicação, informação e religiosidade. **Comun. & Inf.**, Goiânia, GO, v. 19, n. 2, p. 53-70, jul./dez.

ROCHA, A. (2006). **Moçambique: História e Cultura**. Maputo: Texto Editora.

STANDER, I.; VAN WYK, C.W. (1991). **Toothbrushing with thesaurus root of Euclea natalensis**. Journal Biol buccale. v.19, n.2, p. 167-72, 1991. Khan.

VANSINA, J. (2010). **A tradição oral e sua metodologia**. In: Ki-Zerbo, J. (Org.). História geral da África: metodologia e pré-história na África. São Paulo: Ática. vol. I, p. LII

Recebido em: 01/05/2023

Aceito em: 17/06/2023

Para citar este texto (ABNT): PATRÍCIO, Domingos Tomo. J. S.; ALEXANDRE, Adolfo; JORGE, Atanásia Domingos. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº2, p. 380-404, jul./dez. 2023.

Para citar este texto (APA): Patrício, Domingos Tomo. J. S.; Alexandre, Adolfo; Jorge, Atanásia Domingos. (jul./dez.2023). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (2): 380-404.